

Por um PSOL à altura da voz das ruas

1. **Um novo marco para a história do PSOL**
2. **Por que aconteceram as manifestações de junho?**
3. **As ruas de São Paulo mostraram a falsa polarização entre PT e PSDB**
4. **Nas ruas de São Paulo o PSOL foi protagonista**
5. **Onde acertamos? Quais são os erros que não podemos cometer?**
6. **Não é hora de medo. É hora de luta!**

1. Um novo marco para a história do PSOL

O próximo congresso estadual do PSOL acontecerá sob o céu de um Brasil diferente. No último mês de junho vivemos um ponto de mudança na situação política.

As manifestações que tomaram as cidades do Brasil demoliram o discurso governamental de desenvolvimento econômico e social e estabilidade do regime político brasileiro. De norte a sul do país despencaram os indicadores de popularidade e aprovação dos governantes. As mobilizações contra o aumento das tarifas romperam o dique que represava a indignação de milhões de brasileiros com o desenvolvimento predatório do capitalismo em nosso país, mostrando o esgotamento do *modelo lulista*, mas também rejeitando as alternativas de direita.

Em São Paulo, as grandes mobilizações na capital pela revogação do aumento logo conquistaram amplo apoio e adesão popular. A partir da ação policial repressiva desdobraram-se também em luta pelo direito à livre expressão e contra a repressão, espalhando-se também pela região metropolitana, litoral e interior do estado, incluindo todo tipo de manifestação contra a velha política corrupta, contra os pedágios e por serviços públicos gratuitos de qualidade.

A experiência desses dias valeu por anos de aprendizagem de luta política e organização para uma geração de lutadores – em sua maioria jovens – que contagiaram as ruas com a radicalidade de quem resolveu experimentar tomar em suas mãos as rédeas do próprio destino e obteve importantes vitórias. As tarifas dos transportes foram derrubadas, caíram os projetos conservadores da PEC 37 e da cura gay, a corrupção foi considerada crime hediondo e o passe livre estudantil chegou até a ser prometido por Renan Calheiros, podendo ser parcialmente adotado no Rio Grande do Sul e Goiás. Ainda que parciais ou efêmeras essas conquistas reafirmaram que é possível obter vitórias com o povo de volta às ruas.

No mesmo sentido e sem romper com a estrutura de uma política conservadora e liberal de ajuste fiscal e austeridade orçamentária, Dilma tentou dissuadir a população a sair das ruas adotando uma pretensa agenda positiva que, entre outros artifícios, incluía um plebiscito

sobre a Reforma Política que logo se mostrou um engodo, longe de atender ao reclamo das mobilizações e incapaz de deter o forte questionamento da representatividade que assola não só a partidocracia política, mas também a política militar e a imprensa corporativa. A crise com a qual o regime brasileiro tem que lidar não é pequena e está longe de terminar.

Nesse contexto, o PSOL esteve desde o início muito bem localizado para que hoje pudesse tirar conclusões e buscar uma atuação da melhor forma para construir uma verdadeira alternativa das ruas à crise do regime brasileiro. Desde janeiro o Diretório Municipal do partido em São Paulo adotou a luta contra o aumento como eixo de sua atividade, elaborando política e trabalhando para que o partido estivesse sempre atuando com unidade e organização para, ao lado de outros movimentos, levar as mobilizações à vitória. No mês de maio Porto Alegre foi a primeira cidade a conquistar a revogação dos aumentos com participação decisiva da juventude partidária nas ruas combinada à ação política e jurídica dos vereadores do PSOL e da luta dos rodoviários da cidade. A militância do PSOL também foi responsável não só por engrossar os protestos na imensa maioria das cidades onde eles ocorreram mas também por trabalhar ativamente para a estadualização e nacionalização das lutas. As bandeiras que nosso partido sempre defendeu estiveram nas ruas: contra a corrupção, contra a farra e as normas de exceção dos megaeventos, pela radicalização da democracia, em defesa dos direitos civis e dos serviços públicos, contra o modelo de desenvolvimento urbano segregador e excludente.

São Paulo foi o berço desse movimento que varreu o país, o que prova mais uma vez a importância do estado na política brasileira. Em cada cidade onde existe o PSOL, temos a possibilidade de representar essa política nova, esse anseio por mudanças que levou a população a se manifestar. No PSOL temos o orgulho de ser o único partido independente no estado, o único partido que não se alinha com o governo estadual do PSDB nem com prefeituras do PT, do PMDB e de tantos outros partidos que vendem suas legendas para interesses particulares escusos em várias regiões. Somos também o único partido sem envolvimento com casos de corrupção que afetam rotineiramente tanto os partidos da base do governo Dilma como os da oposição de direita. Nas várias cidades onde atuamos, o PSOL é reconhecido como o partido das lutas e da ética, atrai a juventude e setores progressistas, e surge como real alternativa de esquerda. Nosso partido reúne diversas forças políticas de forma democrática e se abre a todos os lutadores sociais honestos.

Agora o grande desafio é estar à altura como organização desses novos tempos. A tendência, já expressa na pressão inflacionária maior, na retração da indústria e na redução das metas de crescimento do PIB, por exemplo, é que a crise aumente no ano que vem, entre decisivamente na Copa do Mundo e marque profundamente o processo eleitoral de 2014, cada vez mais indefinido. A tendência, portanto, é de mais lutas porque essa geração já redescobriu o caminho das ruas e não vão aceitar caladas pagar a conta dessa crise. A entrada decisiva da classe trabalhadora nesse embate somando-se à juventude insurreta que protagonizou as jornadas junho é uma hipótese que se mostra concreta para o próximo horizonte.

Neste Congresso temos a tarefa de reformar substancialmente a forma como o partido está organizado no estado para dar conta de ser parte ativa desse momento em 2014 sabendo inclusive que uma forte intervenção eleitoral do PSOL só pode se dar associada à nossa forte presença nas ruas.

2. Por que aconteceram as manifestações de junho?

Não foi um raio em céu azul. Embora fosse impossível prever um levante da proporção do que aconteceu em junho, já era possível notar seus sintomas com antecedência. Esse momento, que abre uma nova fase de nossa luta, foi um levante contra a velha política e as instituições desgastadas do regime. Foi também um levante contra os péssimos serviços públicos que atendem os brasileiros, uma demonstração clara do esgotamento do modelo “lulista” de governo, que privilegia o aquecimento do mercado em detrimento de mudanças estruturais na vida dos trabalhadores. A contradição principal entre o modelo de acumulação, baseado nos investimentos públicos beneficiando grandes empreiteiras e consórcios de “logística” explodiu em dois temas centrais: o transporte e os gastos com a Copa do Mundo. Essa contradição foi possível pela lógica excludente deste “modelo de cidade” capitalista, onde o tema do transporte catalisou, a partir da intervenção de parcelas da juventude, a insatisfação de todo o povo.

A entrada do Brasil na onda mundial de ocupação das ruas e protestos é um marco conclusivo do aprofundamento das mudanças desse novo período histórico aberto com a crise econômica mundial. Do mesmo modo que aconteceu na Turquia — um país com relativa estabilidade econômica e níveis de desemprego bastante inferiores aos da Europa — o Brasil dá claras demonstrações da falência da política de que a economia mundial poderia se escorar por um período consistente no suposto novo desenvolvimento dos novos países industrializados. Os levantes turco e brasileiro tiveram a explosividade e combatividade tão grandes porque enfrentaram diretamente os principais projetos capitalistas para seus países, expressos nos processos de reestruturação urbana contra seus povos e suas juventudes há muito carentes de direitos e de democracia real.

Não por acaso a luta contra a corrupção apareceu de maneira protagonista e espontânea em todas as grandes manifestações do mês de junho combinada às lutas urbanas contra a tragédia dos transportes públicos e as obras da Copa e das Olimpíadas. Quanto maior a necessidade das empreiteiras, construtoras, bancos e grandes corporações de valorizar seu capital, maior é o poder da FIFA, do COI e de outros organismos multilaterais de passarem por cima de direitos e legislações vigentes, amparados de maneira segura pelo sistema político corrupto brasileiro. A ligação entre a situação concreta da vida dos trabalhadores nas cidades com saúde, educação, transportes e moradia em situação dramática e as benesses asseguradas pelo sistema corrupto expresso nos grandes empreendimentos imobiliários, esportivos e urbanos é direta e evidente para o povo.

Os sintomas das jornadas de junho já eram notados a partir das manifestações que se contrapuseram a essa ação espoliadora do capital no território brasileiro. As Usinas hidrelétricas de Jirau e Sto. Antonio enfrentaram greves espontâneas e radicais, onde os trabalhadores chegaram a incendiar escritórios e barracões contra a situação de trabalho degradantes a que eram submetidos nos canteiros de obras. Na grande maioria das construções dos estádios da Copa do Mundo houve paralisações e ações dos operários. A corajosa e vitoriosa greve dos bombeiros do Rio de Janeiro serviu de exemplo e é referência de luta até hoje. Os professores e servidores das universidades federais também levaram adiante uma importante greve que enfrentou a intransigência de Mercadante e do governo federal. Da

mesma forma, as heroicas lutas indígenas pela demarcação e manutenção de seus territórios, contra a Usina de Belo Monte e contra o Código Florestal se opuseram diretamente à reestruturação do território nacional promovida pelo governo brasileiro a serviço da valorização do capital excedente das grandes corporações e do mercado financeiro internacional.

Em São Paulo, a profunda crise urbana presentes na capital e nas demais grandes cidades e regiões metropolitanas também configurou situações dramáticas e conflitivas, desdobrando-se em lutas das periferias contra o extermínio da juventude negra, em greves dos professores das redes municipais e estaduais, em mobilizações da saúde em defesa do SUS e contra as OSs entre tantas outras. As mobilizações de junho devem seguir agora também nas ruas para enfrentar o propinoduto do PSDB que desvia recursos do metrô desde 1998. E esse processo não para nas metrópoles que muitas vezes “exportam” suas crises para cidades menores, que já convivem com os altos índices de violência, trânsito caótico e crescimento populacional desordenado. Não por acaso, cidades médias como Sorocaba e São Carlos viveram nessas jornadas de junho as maiores mobilizações de suas histórias e até cidades menores lutaram contra suas partidocracias, como no caso de Indaiatuba que, a exemplo de Bauru, ocupou valentemente sua Câmara de Vereadores.

3. As ruas de São Paulo mostraram a falsa polarização entre PT e PSDB

A luta contra os reajustes foi apenas a gota d’água, mas fez a população ir para as ruas combater as prefeituras e o governo estadual. A repressão articulada por Haddad e Alckmin foi severa, incendiando todo o país e fazendo a posição da mídia mudar. Na defesa de uma pauta justa, a juventude levantou idéias com as quais a população se identificou totalmente, e o movimento contra o aumento das passagens tomou grandes proporções, a ponto de alterar a correlação de forças na política burguesa.

O PT se desmoralizou completamente perante as massas, e as primeiras declarações petistas sobre a crise mancharam ainda mais sua reputação. Dois dias antes do governo federal mudar de posição em relação as manifestações, o atual ministro da justiça José Eduardo Cardoso ofereceu auxílio da força nacional ao governo tucano de Alckmin para investigar e reprimir os protestos. Diversas lideranças petistas caracterizaram os manifestantes como “vândalos” para desqualificar suas propostas, e mesmo após as mobilizações o secretário de transportes da capital, o vereador Arselino Tatto, ainda era contra investigar as máfias do transporte dizendo que uma CPI serviria somente para “achacar” os empresários.

Essa postura traidora é absolutamente incoerente com a história inicial do PT, mas já vem de anos e agora se mostra de forma explícita. Tanto foi assim que os militantes petistas perderam totalmente a direção, mudaram de posição repentinamente com a queda das passagens e, em um caso exemplar de oportunismo, foram as ruas comemorar uma vitória contra a qual tinham se colocado. Não a toa, foram fortemente hostilizados e ainda estimularam ainda mais o sentimento anti-partidário.

A fragmentação do petismo também demonstrou o acerto do PSOL ao se propor como alternativa política, único partido de esquerda do país com viabilidade social para a construção de um projeto de poder. Ainda que o compreensível rechaço à partidos estivesse presente, o PSOL avançou bastante apostando principalmente nas ruas e em seus setores mais dinâmicos.

4. Nas ruas de São Paulo o PSOL foi protagonista

O PSOL teve papel protagonista nesse cenário. O diretório municipal do PSOL São Paulo desde o início do ano apontou para a centralidade da luta contra o aumento das passagens e se dispôs a intervir de todas as formas. Foi construído um seminário com a participação do Movimento Passe Livre em abril, e todas as manifestações, principalmente as primeiras, tiveram participação determinante do partido através de suas figuras e seus diversos movimentos de juventude. No cotidiano das lutas e na grande mídia, dirigentes do PSOL municipal da capital eram tidos como lideranças naturais desse processo, e com certeza podemos afirmar que o PSOL foi o partido que mais cresceu nessas jornadas.

Essa política de protagonismo nas lutas ocorreu também em cidades da grande São Paulo e interior. Em Campinas a juventude do PSOL foi ativa em todos os processos de luta recentes e teve também importante papel nas mobilizações de junho. Em São Carlos parcela grande da população também foi às ruas seguindo o exemplo da militância de nossa juventude. Inúmeras cidades onde o partido não havia ou era incipiente agora vêem no PSOL e em suas iniciativas uma possibilidade para a organização e a luta.

Por construir a luta pelo passe livre há anos, um grande trunfo do PSOL nessas cidades foi entender o caráter dessas manifestações, profundamente marcadas pela crítica à “partidocracia” que governa nosso país, e não se colocar de forma “auto-proclamatória” no movimento, como muitas vezes fizeram os camaradas do PSTU. Fizemos a construção cotidiana da luta, sem procurar aparelhar ou conquistar somente vitórias imediatas, sempre propondo políticas e tendo poucas tensões com o conjunto do movimento. Essa postura nos permitiu representar esse movimento e ser parcela importante de sua direção.

A referência que o PSOL construiu a partir de nossa participação nas marchas das vadias de São Paulo, Campinas e outras cidades, onde as mulheres corajosamente foram às ruas afirmar nossa liberdade, nas manifestações contra o estatuto do nascituro, que cria obstáculos ainda maiores para o direito da mulher ao próprio corpo, bem como nossa intervenção nas inúmeras marchas contra o pastor Feliciano, a quem o PT entregou a Comissão de Direitos Humanos da Câmara, reforçam o caráter partidário por nós defendido, que não tem dúvidas em encampar as pautas das mulheres e LGBTs, marchando junto a diversos setores e movimentos, engrossando o combate nas ruas ao fundamentalismo, racismo, machismo e homofobia.

5. Onde acertamos? Quais são os erros que não podemos cometer?

Esse grande acerto do PSOL nas mobilizações não foi fruto do acaso, mas reflexo da política de um setor partidário. O diretório municipal de São Paulo conscientemente analisou as

possibilidades que se colocavam (incrementadas pelo fato do reajuste ser realizado durante o ano letivo) e teve política para a luta que se aproximava. Obviamente, ninguém tinha idéia do processo que estaria por vir, mas a ousadia do MPL e de setores do partido foi essencial para a criação desse cenário.

Da mesma forma, novas possibilidades se abrem na luta social e cada vez mais o partido precisa aproveitá-las. Fraternalmente, consideramos que a atuação da direção majoritária do PSOL estadual nos últimos anos foi marcada pelo imobilismo e pela reatividade às formulações petistas, como no caso da idéia do “avanço do conservadorismo”. Consideramos necessário mudar a forma de fazer a política estadual do PSOL, priorizando o apoio aos municípios em suas mobilizações reais como forma efetiva de construção partidária, o PSOL deve se colocar como um organizador de vitórias populares, e dotar de novo ânimo a direção estadual. A prioridade na “política ordinária”, institucionalizada, movida por aparatos sindicais e mandatos, precisa dar lugar a uma nova “política extraordinária” que se coloca nas ruas de todas as cidades, entre a juventude e também entre uma classe trabalhadora cada vez mais esperançosa.

Com tantas possibilidades, o PSOL do estado de São Paulo precisa passar por uma mudança em sua política. Esses novos tempos exigem uma nova postura da direção partidária, que tenha política para essa vanguarda popular que surge disposta a lutar e vai às ruas buscando conquistas. Os mandatos e sindicatos têm enorme importância nas lutas sociais, mas o PSOL paulista precisa construir essa política ombro a ombro com a população. Não é possível entrar na lógica dos outros partidos, onde o funcionamento partidário se dá segundo calendários eleitorais e os interesses exclusivos da direção. As jornadas de junho demonstraram que a esquerda tradicional também tem enormes dificuldades para realizar uma interlocução com esses setores indignados, e nesse sentido temos que nos separar dos companheiros sectários, que vêem principalmente os problemas entre as mobilizações populares e não percebem os problemas em suas próprias organizações e iniciativas.

É necessário que o PSOL estadual fortaleça os municípios não somente com o regular apoio institucional, mas também com política para a ação, com propostas concretas de agitação e propaganda. A direção estadual precisa estar mais presente, e seu funcionamento do partido não pode ser apenas burocrático, resolvendo problemas escriturários enquanto organiza seu próprio campo partidário. É necessário que a direção estadual atenda de fato as demandas locais e construa uma política estadual de combate ao governo Alckmin, com verdadeiras campanhas estaduais que confrontem a burguesia paulista em pontos chave que já foram apontados, como transporte, saúde e educação.

No momento em que estamos, para termos um forte crescimento eleitoral do PSOL em 2014 é necessário estarmos diretamente ligados às lutas populares. Somente assim formaremos uma plataforma política que seja alternativa sem se sujeitar aos interesses privados, devemos ser os primeiros na luta popular em todas as cidades do estado. É impossível construir essa alternativa se não tivermos mais espaços de debate estaduais, como plenárias regionais que encaminhem futuras iniciativas. Não podemos funcionar como um partido de cúpula, onde aqueles que controlam a infraestrutura partidária se descolam dos processos mais dinâmicos de mobilização.

6. Não é hora de medo. É hora de luta!

É cada vez mais necessário afirmar perante a população um projeto de esquerda para o país, que articule bandeiras democráticas e classistas nas novas mobilizações que surgirão. As lutas por direitos sociais que ocorreram nos últimos meses conseguiram vitórias e tendem a continuar, e ainda que a mídia se localize com força do lado burguês, a classe política que sustenta o regime brasileiro ainda está na defensiva.

Nesse ambiente, o debate sobre as perspectivas do PSOL é essencial. Tivemos nos últimos meses uma série de contradições públicas que refletiram divergências internas entre a maioria dos setores do partido e os companheiros da APS/parlamentares representados principalmente pelo senador Randolfe Rodrigues. Enquanto o primeiro grupo se colocava pela independência política do partido em relação ao governo e pela utilização de nossos mandatos de forma a instrumentalizar nossas lutas sociais, o setor do companheiro Randolfe defende claramente uma atuação política que privilegie a atividade parlamentar e institucional, defendendo relação privilegiada com setores governistas e grande ampliação no arco de alianças do PSOL.

Somos por um PSOL amplo, não acreditamos que o PSOL deve ser um partido fechado ou estreito, somos daqueles que defendem tanto o rigor estratégico como a flexibilidade tática como essenciais na luta política, mas não podemos aceitar a caracterização feita pelos setores representados pelo senador Randolfe de que alianças com partidos como o próprio PT, PCdoB, PDT ou PSB sejam possíveis por esses partidos estarem “à esquerda”. Essa ilusão é um perigo para o PSOL, e foi desmascarada mais uma vez nas ações de junho.

Também não podemos aceitar a participação de militantes do PSOL em governos petistas ou de qualquer outro tipo, e medidas sérias devem ser tomadas contra esses camaradas que atuam como agentes da quinta coluna, aproveitam-se das possibilidades do governo e depois voltam ao nosso partido para dividi-lo com uma política petista. O PSOL deve fortalecer suas instâncias e superar seus traumas com o PT, caracterizar de fato este partido como traidor e assumir a posição que os novos tempos exigem.

Para representar essa nova política para o PSOL, os militantes que assina esta tese defendem o nome da companheira Luciana Genro para presidente. Acreditamos ser o momento de fazer o necessário debate sobre os rumos do partido e apontar qual será nosso real papel na realidade brasileira. Para nós, a candidatura da companheira Luciana representa a síntese desse projeto partidário que aposta nas ruas e aproveita todas as possibilidades para construir lutas. É chegado o momento de recusar toda ilusão com relação ao governo e ao PT, afirmar a radicalidade do PSOL em todos os seus âmbitos, e principalmente dar espaço para a construção de um programa político em conjunto com a população que se levanta.

Assinam esta Tese:

Carlos Giannazi - Deputado Estadual PSOL São Paulo

Mauricio Costa de Carvalho – Presidente do PSOL São Paulo

Israel Dutra – Diretório Nacional do PSOL

Mariana Riscali – Secretária Geral do PSOL Estadual/ Diretório Nacional

Antônio Ormundo – Executiva Estadual PSOL

Rubens Carsoni – Executiva Estadual PSOL

Eloisa Elena da Silva - Vereadora PSOL Presidente Alves

Alex da Mata – Diretório Estadual

Thiago Trindade de Aguiar – Diretório Estadual

Maia Gonçalves Fortes – Diretório Estadual

Adeilton Ribeiro Tavares dos Santos – Diretório Estadual

Luiz Ferreirinha – Diretório Municipal do PSOL São Paulo

Bofete

Maria Ana Vaz Gonçalves - Presidente PSOL Bofete

Laercio Porfírio - Tesoureiro PSOL Bofete

Gláucia Bertoncini - PSOL Bofete

Catanduva

Marcos dos Santos - Presidente PSOL Catanduva

José Roberto Setin - Secretário Geral PSOL Catanduva

Wilson Roberto de Menezes - Tesoureiro PSOL Catanduva

Mateus Henrique de Aguiar

Campinas

Adria Akemi Osato Meira

Ana Aparecida Gomes da Silva

Anthony Ferreira

Beatriz Larentis de Souza

Bianca Franca Cintra Baptista

Bruno Lucas de Souza

Carolina Rocha Azevedo

Christian Queiroz Cordeiro de Sousa

Dhenifer Aparecida dos Santos de Souza

Edson Barbosa de Oliveira Junior

Eduardo Cuzziol Vinagre

Filipe Jordão Monteiro

Giovanna Henrique Marcelino

Guilherme de Andrade Palmieri

Gustavo Garcia de Andrade

Ingrid Magalhães Pereira

Juliana Correa Morelli

Larissa Villela Canôas

Lucas Villela Canôas

Madalena Silva Souto

Marco Antonio da Silva Carvalho

Mariana Silva Rodrigues

Natália Pressunto Pennachioni

Otávio de Almeida Mancuso

Paulo Rodrigo Priesner Ely

Rafael Alexandre Moreira Mello

Rafael Filipin Ruggiero

Rainer Endler Rossler

Robson Teixeira

Tânio de Oliveira Paulino

Telmo Teramoto

Thiago da Costa Oliveira

Thiago Henrique Augusto

Tiago Fernandes de Lira

Victor Augusto Petrucci

Carapicuíba

Noel Gomes dos santos

Robinson Gomes dos Santos

Ferraz de Vasconcelos

Ribamar Passos

Franca

Adeilton Ribeiro Tavares dos Santos – Diretório Estadual

Hamilton Donizete Chiarelo

Guaratinguetá

Martinho Alves dos Santos

Itapevi

Adilson Santos Ramos de Siqueira

Abigail Eurides Luna de Lima

Bruna Meireles Lima

Damaris Lia Ribeiro de Oliveira

Daniel Franco Rojas da Silva

Douglas Leonardo Queiroz dos Santos

Erick Miranda de Sousa

Eronildes Silva Bispo Junior

José da Silva Menezes

José Valdecir Norberto de Lima

Laio Anderson Rodrigues da Silva

Marcio Ribeiro Dias

Marli Luna de Lima

Noel da Mata Silva

Pâmela Cicera Gomes

Pâmela Roque Paz

Paulo Aparecido Marques

Raphael Diniz da Silva

Reynaldo Teixeira Santos

Rodrigo Gervásio Teixeira

Silvia Paula Faustino

Taline Chaves Silva

Valdecir Norberto de Lima

Itatinga

Rosana Aparecida de Oliveira Pereira - Presidente PSOL Itatinga

Rafael Antunes de Oliveira - Tesoureiro PSOL Itatinga

JUNDIAÍ

Danuta Hilária Rodrigues

Lagoinha

Tadeu Arquimedes Ribeiro

Leme

Rafael Tadeu dos Santos Mano – Secretário Geral PSOL Leme

Jonas Renato Pierobon – Tesoureiro do PSOL Leme

Luis Jovino

Felipe Rogério de Moraes

Lorena

José Orlando de Souza

Yuri Nunes Silva Luz

Mairinque

Jean Lênin Onofre da Silva

Juracy Onofre da Silva

Leon Victor Silva e Coelho

Natividade da Serra

Alex Junior Viana Freitas

Piquete

Rafael Lima

Piracicaba

Magno Peres Rodrigues – Presidente PSOL Piracicaba

Marcio Antonio Lino – Secretário Geral PSOL Piracicaba

Maria Vanuzia Lima dos Reis – Tesoureira PSOL Piracicaba

Andre Luis Magrini Tietz

Aline Alcarde

Gislaine Cristina Bertolin Rodrigues

Idelfonso Domingues Teodoro

Luiz João de Souza

Nelson Batista de Souza

Renan David Gomes Soares

Presidente Alves

Eloisa Elena da Silva - Vereadora PSOL Presidente Alves

Fábio Luis Legramandi - Presidente PSOL Presidente Alves

Lucimar Antônio da Silva - Tesoureiro PSOL Presidente Alves

Ribeirão Preto

Estevan Martins de Campos

Annie Schmaltz Hsiou

Otavio de Mattos Junior

Santa Cruz do Rio Pardo

José Alvarez – Presidente do PSOL Santa Cruz do Rio Pardo

Anderson Scatamburlo – Secretário Geral do PSOL Santa Cruz do Rio Pardo

São Carlos

Dante Peixoto – Vice Presidente PSOL São Carlos

Rodrigo Barreto – Tesoureiro do Psol São Carlos

Airton Moreira

Ariane Machado

Camila Vasconcelos

Cibele Aparecida Ferreira

Daniel

Deborah Araújo

Diego Fogaça

Edson Araújo

Felipe schmidt

Kleber Brandão

Larissa

Leonardo Reis

Lucas dos Reis Beco

Maria Estela

Rafael dos Santos Ferrer

Raissa de Castro moda

Renata Teodoro

Roger Antunes

Ronaldo Martins

Sean Kevin feddersen

Tulio queijo

São Paulo

Mauricio Costa de Carvalho – Presidente do PSOL São Paulo

Evelin Minowa – Diretório Municipal do PSOL São Paulo

Bruno Magalhães – Diretório Municipal do PSOL São Paulo

Luiz Ferreirinha – Diretório Municipal do PSOL São Paulo

Abimael Santos Souza

Adrian Rodolfo Cavalheiro Fuentes

Ágatha Maria Avino da Silva

Aline Laura Nascimento Tavella

Amanda Bonuccelli Voivodic

Amanda Gonçalves

Ana Carolina Silva Nascimento

Anderson Reis Rosa

Andreia Ermlich Bianchi

Andreza Davidian

Areta Alem Santinho

Ariane Cristina Machado

Arley Rodrigues Parreira

Arthur Andrade

Bárbara Guimarães

Beatriz Fagnam Mei

Bianca Boggiani Cruz

Bruno Zaidan de Oliveira Freitas

Caio Miazzi Vieira

Caio Souza Pires

Caio Zarino Jorge Alves

Camila Souza Ramos

Carolina Borghi Ucha

Carolina Rocha Braz

Cauê Antônio Carneiro da Cunha

Charles Rosa Silverio

Cibele de Camargo Lima

Cristina de Fátima Carlos

Dabiela Uehara

Daniel Costa Ribeiro

Daniele Patricia Ortiz

Daniel Vinha

Danillo Rotta Prisco Antunes

Douglas Dias Favorin

Edson Gabriel

Eduardo Gomes Pereira

Eduardo Gomes Pereira

Evandro Oliveira

Evelin Minowa

Fabio Bosan

Felipe de Paula Oliva

Felipe Santiago Bisulli

Felipe Ultramari Moreira

Fernanda

Fernando Bike

Francisco Cannalonga

Frederico Alves d'Ávila

Frederico Rodrigues Sosnowski
Gabriel Lindenbach
Gabriel Luis Scheffer Regensteiner
Gabriela Soldera Ferro
Giulia Eleonora Tadini
Guilherme Fregonese
Guilherme Liberatti de Almeida Prado
Gustavo Barroso do Rego
Idalício Reimberg Lima
Igor Leonardo Oliveira de Souza
IVIE MACEDO SOUSA
Joana Salem Vasconcelos
Joyce Godinho da Silva Martins
Julia Ribeiro Aidar
Juliana Bortoletto Martins
Juliana Gij Levra de Jesus
Juliano Niklevicz
Karina Brandt Vianna
Karitas Correia Gusmão
Leandro Figueiredo
Leticia Maria Pia Bonandi Spelta
Liria Alves de Oliveira
Luana Gurther
Luciana Carneiro da Cunha Bosan
Luisa Mira Borges
Luiz Daniel Vinha Absalão
Maia Gonçalves Fortes

Maíra Tavares Mendes
Marcela de Andrade Rufato
Marcelo Martino
Maria Carolina
Marina Gurgel
Marlene
Matheus Azevedo
Matheus Pinheiro Trevisan
Maurício Costa de Carvalho
Mayara da Costa Patrão
Michel Lutaif
Mirna Cerqueira
Milena Nardocci
Natasha Almeida Macedo
Nathan Xavier Carturan
Paola Ibelli
Paula Kaufmann Sacchetto
Pedro Bueno de Melo Serrano
Pedro de Barros Vidal
Pedro Maia Veiga
Priscila de Mendonça Schmidt
Rafael Marino
Rafael Silva
Raul Santiago Rosa
Renan Theodoro de Oliveira
Renata Albuquerque de Moraes
Renata Yumi Lima Konichi

Roberto Rubens da Silva Brandão

Rodrigo de Sousa e Silva

Rubens Pereira

Rui Santiago rosa

Samia de Souza Bonfim

Shirley Andrade

Silvia Maria Ferrara de Almeida

Sofia Sayuri Yoneta

Tamiris Sakamoto

Tatiane Cristina Ribeiro

Tatiane Ribeiro

Tatiana Pavão

Thiago Trindade de Aguiar

Thiago Casteli

Tiago Lobo

Tiago Madeira

Vanessa del Castillo Silva Couto

Viviane Campezzate Diniz

Yan Rego

YuWen Huang

SERTÃOZINHO

Edemilson Araujo de Barros

Taubaté

Jenis Andrade

Fernando Borges

TREMembé

Airton Cezar Martinelli